



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
INSTITUTO DE ESTUDOS DE GÊNERO
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EaD GÊNERO E DIVERSIDADE NA ESCOLA

ISONETE VILVERT WEBER

**A REPRESENTAÇÃO DE ALUN@S NEGR@S ACERCA DE PROFESSOR@S
BRANC@S NA REDE DE EDUCAÇÃO DE SANTA CATARINA.**

FLORIANOPOLIS

2016

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

WEBER, Isonete Vilvert

A representação de alun@s negr@s acerca de professores
branc@s na Rede de Educação de Santa Catarina / Isonete
Vilvert WEBER ; orientador, Amurabi Pereira de OLIVEIRA -
Florianópolis, SC, 2016.
46 p.

Monografia (especialização) - Universidade Federal de
Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas.
Curso de Especialização EaD Gênero e Diversidade na Escola.

Inclui referências

1.Gênero e Diversidade na Escola. 3. Identidade. 4.
Representação. 5. Raça/etnia. 6. Relações entre alun@s negros
e professor@s branc@s. I. OLIVEIRA, Amurabi Pereira de.
II. Universidade Federal de Santa Catarina. Especialização
EaD Gênero e Diversidade na Escola. III. Título.

ISONFTE VILVERI WEBER

A REPRESENTAÇÃO DE ALUN@S NEGR@S A CTRCA DE PROFESSORES
BRANC@S NA REDE DE EDUCAÇÃO DE SANTA CATARINA

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado como requisito para
obtenção do título de Especialista em
Gênero e Diversidade na Escola (GDE).

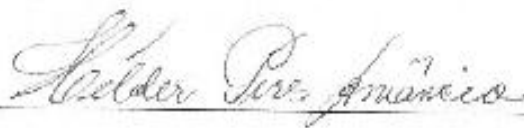
Aprovado em 17 de dezembro de 2016.

Coordenação do Curso:



Olga Regina Ziegler Garcia

Banca Examinadora:



Helder Pires Amancio



Marcelo Henrique Romano Trautenberg



Fernanda Marcon

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus pelo bem maior que ele me proporcionou, que é a minha vida.

Aos meus familiares que, em todos os momentos da especialização, sejam de alegrias ou de tristezas, estiveram sempre presentes em minha caminhada para me apoiar e incentivar, respeitando o tempo e a atenção que podia lhes proporcionar e lidando com as mudanças de humor que foram constantes. Obrigada mãe, minha irmã e meus irmãos, cunhad@s¹ e sobrinh@s muit@ amad@s.

A Thiago Linhares Weber, meu marido e também companheiro de curso. Começamos o curso como noivos e durante o percurso nos casamos. Obrigada pela paciência comigo e todo o apoio acadêmico e pessoal nesta etapa final, em plena lua de mel. Meu sempre companheiro... Amo-te.

Aos amigos de caminhada, obrigada sempre pela compreensão e carinho comigo.

A equipe gestora da escola onde realizei a minha pesquisa, agradeço pela confiança e por considerar relevante a minha problemática de pesquisa. Meu muito obrigado!

Ao meu orientador Amurabi Pereira de Oliveira, a toda equipe do GDE e a turma Ângela Davis; obrigada por esta caminhada junt@s. Foi um período de muito aprendizado e descoberta de novos olhares a cerca das temáticas: “gênero e diversidades” na escola, problemáticas tão intrínsecas em noss@s dia a dia e tão importantes a serem discutidas.

Registro aqui um agradecimento especial pelo financiamento dado ao Curso de Especialização EaD em Gênero e Diversidade na Escola da Universidade Federal de Santa Catarina (GDE/UFSC) através do Fundo Nacional para o Desenvolvimento da Educação (FNDE) gerido pela SECADI/MEC (Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão do Ministério da Educação) na gestão da presidenta Dilma Rousseff (2011-2015), sem o qual seria impossível a operacionalização de um curso de dois anos de duração em cinco cidades de diversas regiões do estado de Santa Catarina. Agradecemos, sobretudo, os investimentos que durante os últimos 13 anos possibilitaram a expansão de políticas públicas de combate a fome, ao racismo, sexismo, lesbofobia, homofobia, transfobia e ao capacitismo. Infelizmente, a conjuntura política no último ano quase impossibilitou a conclusão desta 3ª edição do GDE, sobretudo depois da extinção da SECADI, que foi criada em 2004 e que possibilitou a realização de centenas de cursos com temáticas que versavam

¹ Em meu trabalho utilizei o símbolo arroba “@” como exemplo já praticad@ por colegas acadêmicos inserindo o texto na linguagem inclusiva de gênero.

sobre diferenças, desigualdades e direitos humanos em todo o Brasil. Uma política de governo que infelizmente não se concretizou em uma política de Estado, ao contrário, vem sendo extinguida e criminalizada por diversos setores conservadores na sociedade. Que essa especialização seja lembrada como um espaço de resistência e de luta por uma sociedade mais justa e igualitária.

RESUMO

O nosso trabalho busca responder a problemática acerca da representação que alun@s negr@s tem acerca de seus professor@s branc@s em uma escola da Rede de Educação de Santa Catarina. Se esta representação está relacionada a questões de raça/etnia ou somente pela identificação que existe nas relações sociais e culturais. Os objetivos analisados foram à observação da relação entre alun@s negr@s com professor@s branc@s e professor@s negr@s; entender qual fator gera a representação por parte d@s alun@s negr@s em relação aos professor@s negr@s ou em relação aos professor@s branc@s e, por último averiguar este ou os marcadores que permeiam a identificação entre @s alun@s e @s professor@s negr@s ou com professor@s branc@s. A pesquisa foi realizada entre os meses de junho de 2016 a dezembro de 2016, através da análise de um questionário, de entrevistas e de um texto produzido pel@s alun@s da escola.

Palavras-chave: Identidade. Representação. Raça/etnia. Relações entre alun@s negr@s e professor@s branc@s.

ABSTRACT

Our work tries to answer the problematic about the representation that black students have about their white teachers in a school of the Education Network of Santa Catarina. Whether this representation is related to race / ethnicity issues or only by the identification that exists in social and cultural relations. The objectives analyzed were to observe the relationship between black students with white teachers and black teachers; Understand which factor generates representation on the part of black students in relation to black teachers or white teachers, and finally to investigate which markers permeate the identification between students and black teachers or with white teachers / The research was carried out between June 2016 and December 2016, through the analysis of a questionnaire, interviews and a text produced by the students of the school.

KEYWORDS: Identity. Representation. Race / ethnicity. Relations between black students and white teachers.

LISTA DE SÍMBOLOS

Símbolo @ - representa a palavra no masculino e no feminino na escrita do texto.

Símbolo T1 - fonte relacionada à produção textual em sala de aula.

Símbolo T2 - fonte relacionada à produção textual em sala de aula.

Símbolo T3 - fonte relacionada à produção textual em sala de aula.

Símbolo T4 - fonte relacionada à produção textual em sala de aula.

Símbolo T5 - fonte relacionada à produção textual em sala de aula.

Símbolo T6 - fonte relacionada à produção textual em sala de aula.

Símbolo T7 - fonte relacionada à produção textual em sala de aula.

Símbolo T8 - fonte relacionada à produção textual em sala de aula.

Símbolo T9 - fonte relacionada à produção textual em sala de aula.

Símbolo T10 - fonte relacionada à produção textual em sala de aula.

Símbolo T11 - fonte relacionada à produção textual em sala de aula.

Símbolo T12 - fonte relacionada à produção textual em sala de aula.

Símbolo Q1 - fonte relacionada ao questionário aplicado em sala de aula.

Símbolo Q2 - fonte relacionada ao questionário aplicado em sala de aula.

Símbolo Q3 - fonte relacionada ao questionário aplicado em sala de aula.

Símbolo Q4 - fonte relacionada ao questionário aplicado em sala de aula.

Símbolo Q5 - fonte relacionada ao questionário aplicado em sala de aula.

Símbolo Q6 - fonte relacionada ao questionário aplicado em sala de aula.

Símbolo Q7 - fonte relacionada ao questionário aplicado em sala de aula.

Símbolo Q8 - fonte relacionada ao questionário aplicado em sala de aula.

Símbolo Q9 - fonte relacionada ao questionário aplicado em sala de aula.

Símbolo Q10 - fonte relacionada ao questionário aplicado em sala de aula.

Símbolo Q11 - fonte relacionada ao questionário aplicado em sala de aula.

Símbolo Q12 - fonte relacionada ao questionário aplicado em sala de aula.

Símbolo Q13 - fonte relacionada ao questionário aplicado em sala de aula.

Símbolo Q14 - fonte relacionada ao questionário aplicado em sala de aula.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
1. PASSO A PASSO DA PESQUISA REALIZADA COM AS TURMAS	16
2. REPRESENTAÇÃO E IDENTIDADE	19
3. COMO A REPRESENTAÇÃO E A IDENTIDADE SÃO MANIFESTADAS EM SALA DE AULA	29
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS	37
5. FONTES	39
6. REFERÊNCIAS	42
7. ANEXOS	44

INTRODUÇÃO

No ano de 2014 iniciei como professora de história na Rede Estadual de Educação do Estado de Santa Catarina, no qual estou atuando até a presente data. Neste período me deparei com algumas dificuldades que, em maior ou menor escala, grande parte d@s professor@s encontram para trabalhar, tais como: acesso a alguns recursos didáticos nas escolas, pouca experiência² (didática em construção) em sala de aula, falta de comprometimento por parte d@s estudantes em sala de aula,³ deslocamento d@s professor@s entre as escolas da grande Florianópolis para trabalhar, onde temos que utilizar um sistema de transporte urbano que não atende as necessidades dos usuários, entre outras, tudo isso torna a nossa tarefa ainda mais árdua, pois a mesma necessita de tempo e dedicação.

Além disso, percebe-se que, em relação à empatia⁴ (seja ela geracional, social ou até mesmo cultural) a realidade das escolas atualmente é diferente de quando eu estudava. Uma das coisas que me chamou muito atenção nas escolas é o fato de as crianças e d@s adolescentes se mostrarem muito mais intolerantes “uns com os outros”.⁵ Não conseguem perceber as diferenças e as diversidades, e pior, quando as reconhecem, não as aceitam em seu cotidiano escolar ou pessoal. Existe uma indiferença explícita na qual muitas vezes gera violência entre professor@s e estudantes, ou entre estudantes e seus pares. Não existe lugar para a empatia.

² Estas dificuldades cito como pessoal, minha própria experiência profissional no momento.

³ Para melhor entender “a falta de comprometimento em sala de aula” me baseio em um artigo que trata dos graduandos, mas sendo voltado, neste trabalho, para o Ensino Fundamental e Médio: Do compromisso ao comprometimento: o estudante e a aprendizagem de Vera Lucia Felicetti e Marília Costa Morosini. Eu gostaria de abrir um parêntese aqui, pois não são tod@s @s estudantes que não apresentam comprometimento em sala de aula. Embora se perceba que grande parte del@s assim se manifestam. Gostaria de lembrar @s estudantes dedicados e comprometidos com os estudos e com todo o cotidiano escolar que encontrei neste curto período como profissional; estudantes est@s que, devido à (sua baixa posição social, um marco social presente em grande parte das escolas públicas brasileiras ainda hoje), encontram dificuldade para entrar numa universidade pública. Esta realidade aflige muit@s dest@s jovens, pois são afastad@s de um lugar que também são seus por direito, a universidade.

⁴ Não irei aprofundar este conceito em meu trabalho, utilizo a palavra somente em seu próprio significado.

⁵ Passei grande parte do meu período escolar no interior da Grande Florianópolis, desta maneira tinha um grupo escolar mais homogêneo, do qual, eu e meus colegas tentávamos encontrar mais semelhanças do que diferenças entre nossos pares. Atualmente os grupos escolares são mais heterogêneos, sendo que @s estudantes procuram apontar mais as diferenças do que as semelhanças entre seus pares.

Neste sentido, quando me refiro à violência entre professores e estudantes, esta pode ocorrer não só de maneira hierarquizada, de cima para baixo, mas também vice-versa. Não quero aqui denegar que as maiores vítimas nas escolas são @s estudantes, quando tratamos de problemas relacionados às diferenças e às diversidades na escola. Mas não podemos recusar que a representação d@s professor@s em sala de aula no tempo presente, passou a ser muito mais referenciada pel@s estudantes. Desta maneira, já ouvi muitos relatos de estudantes baseados em agressões; os relatos mencionam casos de racismo e perseguição devido à orientação sexual ou à religião, entre outros, contra seus professor@s.

Quando realizei a inscrição para realização do Curso de Especialização em Gênero e Diversidade na Escola, havia passado por uma experiência frustrante em sala de aula na semana do Dia da Consciência Negra, com turmas do Ensino Médio. Ao abordar com todas as minhas turmas a cultura negra no Brasil, fazendo relação com a música, a religião, entre outros; apresentei o grupo Abayomi, da UFSC, que tocam instrumentos de percussão. Com isso fui surpreendida pelo fato de a maioria das turmas não aceitarem o vídeo que selecionei, isto foi devido ao instrumento musical “atabaque”, que relacionado pel@s estudantes como um instrumento de “macumba”, termo usado pejorativamente por el@s para se referir as religiões como Umbanda e Candomblé.

Portanto, após a atividade, tentei estabelecer um dialogo sobre a recusa d@s mesm@s pelo vídeo e sobre o termo “macumba”, a falta de compreensão não permitiu uma troca acerca do que é o outro, e muito menos sobre o que est@s estudantes conhecem acerca das religiões de matriz africana. Percebi que a negação estava relacionada à religião praticada por el@s, na qual se apoiaram para argumentar sobre o que achavam que era a cultura negra. Por este motivo, no memorial da seleção para a especialização, o meu maior dilema enfrentado era o eixo temático de religião e religiosidade, um tema de pesquisa já conhecido durante a graduação, onde tinha consciência de que a diversidade religiosa não é respeitada no Brasil, especialmente quando se trata das religiões de matrizes africanas, mas não tinha dimensão que ao ser trabalhado em sala de aula, geraria tantos conflitos.

Ao iniciar o “Curso de Especialização em Gênero e Diversidade na Escola”, compreendi que esta é somente uma das problemáticas que ainda me incomoda muito em sala de aula. Pois o curso juntamente com suas leituras e atividades realizadas, contribuíram para outros olhares, como os de gênero e de sexualidades; questões estas que começaram a ser observadas após a especialização e que antes eu não tinha dimensão do quão difícil são, para @s estudantes em seu cotidiano lidarem com estas problemáticas. Posso apontar dois motivos observados por mim nas escolas: primeiro a rejeição/negação por parte da família e também

por parte d@s colegas no cotidiano escolar; e segundo, onde a maioria d@s professor@s não sabem lidar com esta realidade ou se recusam a trabalhar esta temática, presente nas escolas.

Outro eixo também abordado durante o curso, presente nas escolas, é o da inclusão de estudantes com deficiências, mas me incomoda muito também é o campo de trabalho de um professor ou de uma professora com deficiência em sala de aula⁶. Se para @s estudantes ainda é uma realidade longe de serem atingidos todos os resultados previstos em lei sobre seus direitos em sala de aula, percebemos que para @s professor@s também é uma realidade muito difícil e que exige muitos esforços e dedicação individual, pois a sociedade ainda não esta preparada para receber estes profissionais nas mais diversas áreas de atuação.

Nossas indagações e experiências são construídas a partir d@ outr@, estas relações nos apontam o que estamos conseguindo colocar em prática e o que não estamos conseguindo no ambiente escolar. Desta maneira, muitas vezes é desafiador entender o porquê não estamos conseguindo realizar uma determinada atividade ou um determinado projeto. Num dos encontros ao problematizar a minha dificuldade de trabalhar⁷ com um aluno negro, uma das colegas de curso do GDE, lembrou que existe nas escolas a empatia de alun@s negr@s em relação aos professor@s negr@s, para ela existe a representação entre amb@s, e, que a mesma não ocorre em relação aos alun@s negr@s e professor@s branc@s.⁸

Em relação ao fato relatado acima, o mesmo ocorreu em sala de aula. Posso dizer que tinha dificuldade com um aluno do sétimo ano do Ensino Fundamental. Quando comecei a lecionar nesta escola, tinha um grupo de três alunos que ficavam incomodando em minha aula, este menino por ser o menor do grupo, eu sempre chamava a atenção dele para que não se deixasse levar pelos maiores, que inclusive eram repetentes de ano, só que este aluno acabou criando uma antipatia comigo. Durante o segundo bimestre ele veio me perguntar: - Por que eu chamava mais a atenção dele do que dos outros dois? Eu disse que me preocupava com ele e que não queria que ele repetisse o ano⁹. Resolvi deixar ele mais de lado durante o

⁶ Falo no texto sobre a experiência em sala de aula, pois a especialização é voltada para a sala de aula. Mas reconhecemos aqui que estes profissionais atuam nas mais diversas áreas de nossa sociedade.

⁷ Este encontro aconteceu durante o segundo semestre do ano de 2015, na aula presencial da disciplina: Gênero, raça e diversidade no cotidiano escolar do Curso de Especialização em Gênero e Diversidade na Escola da UFSC.

⁸ Segundo minha colega de turma do GDE, professor@s negr@s representam @s alun@s negros, e que, professor@s branc@s não representam @s alun@s negr@s.

⁹ Mas confesso que senti no tom da pergunta dele, que ele queria uma confirmação de que eu dava ênfase ao comportamento dele em sala de aula pelo fato de ele ser negro. Isso me incomodou muito, tanto que fiz várias autocríticas também de meu comportamento em sala para que justificasse tal indagação, mas não consegui

terceiro bimestre, e não houve retorno. Quando chegou o quarto bimestre procurei a orientação da escola para que conversassem com este aluno sobre o comportamento dele em sala de aula, pois o seu desempenho estava muito baixo e se continuasse assim iria reprovar de ano.

Como aponta Nogueira, existe também o preconceito racial de marca que esta relacionado a classificação da cor (NOGUEIRA, 2007 Apud FIGUEIREDO, 2015, pg. 142) onde no Brasil existem categorias de cor para definirem as pessoas: quem é branco, negro, pardo, amarelo e indígena, nas quais para o autor Figueiredo, estas categorias são responsáveis pelas questões de preconceito e racismo. Sendo assim, a ideia de representação associada à cor, colocada pela minha colega de curso, pode estar inserido no ocorrido com o meu aluno. Como este aluno entendeu que eu chamava mais atenção dele pelo fato de ser negro, provavelmente ele relacionava ao fato de eu ser branca e querer exercer o meu papel em sala de aula pela cor e não pela posição de professora e aluno. Passei a me questionar, o fato de eu ser uma professora branca, mas se fosse uma professora negra será que ele teria o mesmo questionamento em relação a uma intervenção da professora negra em sala de aula a respeito de seu comportamento escolar?

Desta maneira, o objetivo de meu trabalho é analisar as relações de alun@s negr@s com seus professor@s branc@s, em uma das escolas da Grande Florianópolis. Dentre os objetivos específicos, acabei dando ênfase a alguns abarcados em meu projeto inicial, devido às dificuldades encontradas para a realização dos mesmos, como o tempo para o desenvolvimento da minha pesquisa. Dentre eles posso citar: busco entender se a representação por parte d@s alun@s negr@s em relação aos professor@s negr@s é diferente da representação que @s alun@s negr@s têm em relação aos professor@s branc@s; e identificar quais os marcadores para a identificação que @s alun@s negr@s têm acerca de seus professor@s branc@s em sala de aula.

Neste sentido busco observar, se a “questão da representação” é enfrentada por outr@s alun@s de outras escolas também, ou somente factual (por exemplo, uma comunidade politicamente engajada nos movimentos negros). Meu trabalho teve como objetivo principal analisar as relações construídas a partir do conceito de representação e do conceito de identificação, se estes, encontram-se intrinsecamente ao eixo de raça e etnia ou se existem outros marcadores que podem contribuir de alguma maneira para a identificação que ocorre

identificar tal postura. Mas o ocorrido gerou um posicionamento que me levou a ficar mais atenta nas relações estabelecidas com meus alunos e alunas em sala de aula e no cotidiano escolar.

entre estudantes e professor@s no cotidiano escolar. Consequentemente, entendo que possam surgir alguns colegas de trabalho que discordem da minha problemática, sendo que se costuma dar ênfase ao fato de que tod@s @s professor@s não tratam de maneira diferenciada seus alun@s, mas percebo que as relações são constituídas por ambos em sala de aula.

Desta forma, trabalharei os conceitos de “representação” que nesta pesquisa se apoiou nos trabalhos de Stuart Hall para a fundamentação teórica, já em relação ao conceito de “identidade” busquei através de um artigo de Tomaz T. da Silva dar sustentação sobre as minhas observações realizadas na escola; embora os autores mostrem que o conceito de identidade ainda precisa de mais discussões teóricas nas ciências sociais. Trago, como referência teórica, os autores Antonio Sérgio Alfredo Guimarães e Kabengele Munanga, para as questões relacionadas a “raça/etnia”, pois os considero importantes nesta temática no Brasil.

Nossas fontes foram à aplicação e as respostas dadas a um questionário criado pela pesquisadora juntamente com seu orientador; assim como a coleta de informações através das entrevistas realizadas na escola e um pequeno texto realizado com @s alun@s tratando sobre a temática. Além da leitura das bibliografias e dos textos teóricos, também foi relacionado às observações para a escrita do texto para o trabalho final do curso de especialização. Em nosso trabalho consideramos a pesquisa empírica (observações) e qualitativa, pois ela permite o “estudo de caso” e “da pesquisa documental”, para entendermos as relações sociais e culturais estabelecidas em minha problemática.

Entendo que a discussão da problemática do meu trabalho teve como consequência abordar questões de racismo presentes nas escolas, como na relação entre alun@s e professor@s, que são alguns dos diversos fatores relacionados à temática. De alguma maneira espero estar colaborando com a minha pesquisa nos estudos de Gênero e de Diversidade nas escolas.

No primeiro capítulo, realizo um breve histórico da minha jornada durante a pesquisa, as dificuldades encontradas e o processo de elaboração da mesma.

No segundo capítulo, são apontados os autores teóricos e as autoras teóricas relevantes para a nossa pesquisa, enunciando as principais questões que possam estar dialogando com a nossa problemática e que também estão fornecendo embasamento teórico para a mesma.

No terceiro capítulo, são apresentadas às fontes realizadas pela pesquisadora, demonstrando como se dá a representação que @s alun@s têm acerca de seus professor@s brancos em sala de aula.

No quarto capítulo, se encontra as considerações finais, onde busco realizar uma análise das fontes e dos resultados obtidos.

1. PASSO A PASSO DA PESQUISA REALIZADA COM AS TURMAS.

A escola na qual realizei a minha pesquisa está localizada na Grande Florianópolis e o público alvo, foram três turmas do Ensino Fundamental. Esta escola iniciou o processo de criação em novembro de 1983 e foi inaugurada em março de 1984 com apenas seis salas de aula. No ano de 1985 passou por uma nova construção, na qual foram acrescentadas mais quatro salas de aula, quadra de esportes e muro. Em 2002 foi ampliado o número de banheiros e mais quatro salas de aula. No ano de 2006 a escola passou por uma reforma geral. Neste ano de 2016, a escola promoveu uma passeata pela comunidade, tentando chamar a atenção dos órgãos responsáveis pela educação dos problemas estruturais que a escola tem enfrentado, e da necessidade de uma nova reforma geral.

O patrono da escola pesquisada, a qual ela homenageia, foi um profissional da educação e também era natural da Grande Florianópolis, mesmo município da escola onde atuou como professora. Nasceu em 19 de abril de 1933, realizou seus estudos de 1º grau e de 2º, formou-se em Administração Escolar na Faculdade de Educação de Santa Catarina em 1974. Iniciou sua carreira em 1953 por concurso de ingresso em Joaçaba e posteriormente foi removido a pedido para uma escola da Grande Florianópolis até 1965, quando esta foi extinta, sendo que desde 1961 era diretor da escola. Assumiu o cargo de diretor de outro grupo escolar do mesmo município de 1965 até 1971, quando esta escola passou a categoria de Escola Básica, nesta mudança voltou a função de professor e posteriormente voltou a assumir a direção da escola. Não sei dizer em que ano retornou à direção desta escola, a fonte consultada informa que ficou até 09 de junho de 1978, quando veio a falecer com 45 anos de idade.

Atualmente a escola tem um número de 1470 estudantes, divididos em 43 turmas, entre “Anos Iniciais e Anos Finais do Ensino Fundamental e o Ensino Médio”. Comparando as matrículas dos estudantes, temos um total de 353 meninos e 344 meninas nos Anos Iniciais; 208 meninos e 259 meninas nos Anos Finais, e 142 meninos e 164 meninas no Ensino Médio, nota-se um número de 767 meninas para 703 meninos matriculadas na escola. Por ser uma comunidade de baixa renda, geralmente as meninas por diversos motivos costumam deixar a escola e pelos índices que são apresentados sobre a “evasão escolar”, podemos considerar um número bastante positivo para a comunidade.

Ao iniciar a pesquisa, foi solicitado junto à diretora da escola, autorização para a realização da mesma. A diretora foi muito receptiva ao sucesso da mesma e contemplou a temática “racismo” como uma questão importante a ser discutida nas escolas e na sociedade brasileira, pois a mesma ainda representa um problema social e cultural. Foi realizada a

pesquisa na escola com @s alun@s das turmas de sexto e sétimo ano do Ensino Fundamental, nas quais eu dou aula, que foram no total de três turmas, as demais não foram pesquisadas devido ao tempo e por não ter contato com @s estudantes. Ao total foram aplicados dois questionários com uma turma do sexto ano e o outro questionário com a turma de sétimo ano e, a turma de sexto ano restante foi solicitada um pequeno texto relatando se “ocorre influencia da cor da pele nas relações entre professores negr@s e branc@s com @s alun@s. E se estes estudantes já tiveram professores negr@s em sala de aula?”

Por último, realizei três entrevistas com alunas negras da escola, e uma única entrevista com um menino negro do sétimo ano, não consegui salvar a gravação, por motivos técnicos. Tentei novamente realizar outra entrevista, mas devido ao tempo e organização, esta não foi possível. Este aluno apresenta uma póstuma tímida, mas se percebeu durante a entrevista que ele reconhece os conflitos relacionados ao racismo e não apresentou em sua fala, diferença entre professores negr@s e branc@s. Das alunas, uma aluna, os responsáveis não assinaram o “Termo de Consentimento Livre e Esclarecido”, o que acarretou menos duas entrevistas na qual poderia utilizar como fonte em meu trabalho de pesquisa.

A aluna citada acima se mostrou consciente e politizada acerca das questões que abrangem à problemática que tratam de “gênero e diversidade na escola”, mas após levar o “Termo de Consentimento Livre e Esclarecido” para os responsáveis assinar, começou a se mostrar totalmente indiferente ao tema. Observou-se também que houve uma mudança de comportamento e distanciamento da aluna em sala de aula em relação à pesquisadora. Conversando com colegas da escola a respeito da mesma, se percebeu que a aluna participa de uma das religiões denominadas como neopentecostal no Brasil. Não é o foco de minha pesquisa, mas não posso deixar de indagar sobre a relevância deste fato, visto a conjuntura histórica pelo qual estamos vivendo.

Como se nota acima foi analisado num total de duas entrevistas, que foram realizadas do período que correspondeu do mês de agosto de 2016 até o mês de setembro de 2016. Como trabalho em três escolas diferentes, ficou muito difícil conciliar as entrevistas no contraturno d@s entrevistad@s, e não consegui contornar esta dificuldade relacionada aos horários, o que acabou reduzindo o número de entrevistas. Poderia ter realizado a pesquisa em uma segunda escola da qual trabalho, neste caso, reconheço que faltou organização de minha parte: primeiro porque meu foco era uma escola e segundo não havia observado mais atentamente @s demais alun@s das outras duas escolas para participarem da pesquisa.

As faltas d@s alun@s também foi um agravante que atrapalhou a pesquisa. A pesquisadora mesmo sabendo quais alun@s iria entrevistar, teve que aguardar e mudar o

planejamento várias vezes por conta das faltas. Para conseguir entrevistar as alunas, por exemplo: a pesquisadora teve que pedir para out@s professor@s liberarem as mesmas para a entrevista. Depois teve que aguardar as mesmas trazerem o termo assinado, pois uma delas havia assinado errado um dos campos, e demorou em trazê-lo assinado novamente pelos responsáveis; e a outra aluna costumava faltar nos dias em que a pesquisadora estava na escola, que eram dois dias na semana. Neste contexto, à aplicação e as respostas dadas ao questionário criado pela pesquisadora juntamente com seu orientador, auxiliado pela produção de um pequeno texto realizado com @s alun@s tratando sobre a temática, foram inseridos primeiro ao texto da pesquisa.

Contabilizando as três turmas, tenho um total de 102 (cento e dois) alun@s matriculad@s, mas que frequentam realmente as aulas podemos considerar um total de 82 (oitenta e dois) alun@s. Deste total, 21 (vinte e um) alun@s realizaram o texto solicitado, e foram selecionados 12 (doze) para o trabalho, por se aproximarem das questões tratadas pela pesquisa, os nove (09) alun@s restantes não responderam as questões levantadas. Em relação ao questionário, 32 (trinta e dois) alun@s participaram, após a análise dos questionários, somente 14 (quatorze) alun@s realmente responderam os enunciados, os demais alun@s, 18 (dezoito) não trataram as perguntas com discernimento. Como a pesquisa era voluntária, tivemos um total de 29 (vinte e nove) alun@s que não participaram da pesquisa. Lembrando que alguns destes estudantes haviam faltado no dia em que foi realizada a mesma na escola. Mas @s que estavam presentes, por que não participaram? Quais os motivos que os levaram a não participar da pesquisa?

Tratarei minhas fontes por número (fonte 1, fonte 2, fonte 3, sucessivamente), de tal maneira no texto, no questionário e nas entrevistas. Esta é uma maneira de resguardar o anonimato dos estudantes que participaram da pesquisa. Como se trata de fontes se buscou manter a escrita d@s alun@s para não alterar os seus pensamentos, este objetivo se manteve nos três métodos realizados para a pesquisa.

2. REPRESENTAÇÃO E IDENTIDADE

O presente trabalho se propôs a analisar a presença de significados baseados a partir dos conceitos de identidade e de representação nas relações entre alun@s negr@s e professor@s branc@s em uma Escola da Rede Estadual de Educação de Santa Catarina. Considero importante a problemática porque trabalha questões de raça/etnia e seus conflitos ainda presentes em nossa sociedade, tais como o preconceito e o racismo.

Nesta pesquisa, estaremos nos apoiando em alguns autores que dialogam com a nossa problemática até o presente momento. Principalmente que nos ajudam a entender os conceitos de identidade, representação e de raça/etnia.

Ornellas no artigo “A representação social da transferência do professor e do aluno na sala de aula”, mostra que a mediação educativa decorre da relação do professor e do aluno pela questão da afetividade e pelo cotidiano do sujeito, portanto a análise da representação esta associada à sociologia e também a psicologia do sujeito. Desta forma para ela “*a afetividade contribui para a educação, para desvelar os aspectos do desenvolvimento, quanto da teoria das representações sociais reconhece a importância desses aspectos*”. (ORNELLAS, 2007, pg. 157)

O artigo “Racismo influencia desempenho escolar” de Carolina Cantarino levanta a problemática da negação de que ocorra o racismo nas escolas entre docentes e estudantes. Assim como, que o racismo acaba influenciando o desempenho escolar d@s estudantes, especialmente entre @s que apresentam melhores condições socioeconômicas. A autora também trata que as escolas negam a diferença de desempenho entre estudantes negr@s e branc@s, e defende que exista uma “ideologia da igualdade”, portanto:

essa negação está relacionada a uma “ideologia da igualdade na escola” que a exime de responsabilidade sobre as diferenças de desempenho escolar, atribuindo-as ao empenho pessoal dos próprios alunos, ou às suas famílias. Nesse sentido, professores, pais e alunos tendem a negar que existam práticas racistas nas escolas. Xingamentos e apelidos de cunho racista são justificados como “brincadeiras”. Professores silenciam e se omitem, preferindo não tratar do assunto em sala de aula para “não levantar o problema” ou mesmo deixando de intervir nos casos de discriminação racial. (CANTARINO, 2007, pg. 11)

Mas é interessante notarmos que tanto em escolas públicas, como em escolas particulares ainda se presencia notícias de casos de racismo cometidos por parte de professores ou de colegas em relação à alun@s negr@s, não só no Brasil, mas em outros contextos, como o dos Estados Unidos por exemplo.

“Reconhecer que os apelidos de teor racista, mesmo que aceitos pelos vitimizadores, doem e causam sequelas identitárias”. (...) A questão racial tende, assim, a ser tratada pelas escolas de modo circunstancial – como o Dia da Consciência Negra. (...) É fundamental instituir-se novas práticas pedagógicas, que contemplem as relações entre todos os alunos, brancos e negros, no ambiente escolar. (Ibidem, pg. 11)

As autoras, Maria Ligia de Oliveira Barbosa e Laura Randall abordam a questão da cor em sala de aula, relacionada às perspectivas dos familiares e professores em relação aos alunos e alunas negr@s. Onde para as autoras as mães de estudantes negros acreditam que seus filhos tenham um desempenho inferior aos estudantes brancos.

É importante notar que não estamos falando de preconceito das mães em relação aos seus filhos não-brancos. Na verdade, esse tipo de visão explicitado pelas mães, que sistematicamente acham que seus filhos têm desempenho na escola pior do que aquele que eles efetivamente demonstram ter. (BARBOSA; RANDALL, 2004, pg. 303)

Apoiadas em Bourdieu, as autoras tratam que as mães não almejam maiores possibilidades em relação a seus filhos, pois em nossa sociedade os estudantes brancos teriam uma trajetória de maior sucesso, entendidas como “*interiorização das possibilidades objetivas, elemento poderoso na reprodução das desigualdades sociais, na medida em que a perspectiva dos dominados assume como sendo sua própria visão aquilo que é a visão dos dominantes*”. (Ibidem, pg. 304) As autoras também tratam brevemente da visão de professores em relação aos alunos negros, na qual ainda precisa ser aprofundada a problemática do desempenho escolar dos estudantes negros. (Ibidem, pg. 306)

A questão do racismo trabalhada pelos autores, Yvonne Maggie e Carlos Hasenbalg, demonstra melhor como em contextos diferentes, o racismo se apresenta com suas particularidades. Para @s autores, no Brasil o racismo é escondido pela ideia de democracia racial. Para Maggie a questão racial é tratada como cultura negra, ou seja, o mito da democracia acaba escondendo o racismo presente nas relações sociais:

As diferenças são a própria matéria do pensamento desde a passagem da natureza à cultura (...). O que significa que as distinções não estão contidas na natureza das coisas ou dos seres. Da natureza, tomam-se diferenças para construir, através das oposições binárias, distinções sociais fundamentais. (MAGGIE, 1996, pg. 225-226)

É importante lembrar o livro “O espetáculo das raças”, de Lilia M. Schwarcz que trata da criação da identidade nacional brasileira durante o século XIX, onde os intelectuais não pensaram a questão racial e as desigualdades a partir do contexto nacional, mas se apoiaram em teorias estrangeiras que não davam conta de contemplar a miscigenação no Brasil, suas diferenças sociais e culturais, como entendimento histórico da formação cultural brasileira.

Podemos dizer que as obras dos autores Antonio Sérgio Alfredo Guimarães e Kabengele Munanga são de grande importância para o embasamento teórico acerca das questões raciais no Brasil.

No texto “Raça, cor e outros conceitos analíticos”, Guimarães correlaciona “raça” e “etnicidade” ao “racismo”, ao passo que o racismo só existe pelo fato de as pessoas classificarem quem pertence a um tipo de raça ou grupo e quem não pertence. Quando Guimarães trata da etnicidade, “etnia” significa lugar e esta dentro de um movimento histórico específico, *“aquele lugar de onde se veio e que permite a nossa identificação com um grupo enorme de pessoas”*, (GUIMARÃES, 2008, pg. 66) em contrapartida, “raça” é *“um discurso da origem de um grupo, que usam termos que remetem à transmissão de traços fisionômicos, qualidades morais, intelectuais, psicológicas, etc., pelo sangue (conceito fundamental para entender raças e certas essências)”*. (Ibidem, pg. 66)

Guimarães levanta um questionamento que não será aqui aprofundado, mas é relevante porque esta correlacionada com o racismo no Brasil, para este autor *“a categoria predominante em termos de classificação social passou a ser “cor” e não “raça”*”. (Ibidem, pg. 71) A partir da independência brasileira, e em meados dos anos de 1930, a cor é apontada como preconceito racial no Brasil, por movimentos negros. (Ibidem, pg. 73). Percebe-se em seu texto que o conceito de raça havia perdido o seu valor, mesmo tendo surgido somente na história moderna. Para o autor o conceito de raça voltou a ser utilizado na academia pelos movimentos sociais negros, que passarão a *“dividir a população brasileira em brancos e negros, recusando os termos, oficiais ou não, que classificavam os mestiços em morenos, pardos, escuros, etc”*. (Ibidem, pg. 76).

E dentro deste contexto Guimarães explica que o conceito de raça empregado nas academias nos últimos anos, busca em seu discurso, um emponderamento político para os negros:

reintroduzir a idéia de raça, vai reivindicar a origem africana para identificar os negros. Começa-se a falar de antepassados, de ancestrais, e os negros que não cultivam essa origem africana seriam alienados, pessoas que desconheceriam suas origens, que não saberiam seu valor, que viveriam o mito da democracia racial. (Ibidem, pg. 75)

Na apresentação do livro “Superando o Racismo na Escola”, Munanga reafirma a importância de desconstruir o mito da democracia racial na sociedade brasileira nas escolas, a partir da responsabilidade e do preparo d@ d@ docente pois:

alguns dentre nós não receberam na sua educação e formação de cidadãos, de professores e educadores o necessário preparo para lidar com o desafio que a problemática da convivência com a diversidade e as manifestações de

discriminação dela resultadas colocam quotidianamente na nossa vida profissional. Essa falta de preparo, que devemos considerar como reflexo do nosso mito de democracia racial, compromete, sem dúvida, o objetivo fundamental da nossa missão no processo de formação dos futuros cidadãos responsáveis de amanhã. Com efeito, sem assumir nenhum complexo de culpa, não podemos esquecer que somos produtos de uma educação eurocêntrica e que podemos, em função desta, reproduzir consciente ou inconscientemente os preconceitos que permeiam nossa sociedade. (MUNANGA, 2005, pg. 15)

Como Guimarães citou os movimentos negros no Brasil como responsáveis pela abertura dos debates acerca do tema “Racismo e discriminação Racial”, me chamou a atenção o livro de Joselina da Silva e de Amauri M. Pereira sobre: Olhares sobre a mobilização brasileira para a III Conferencia Mundial contra o Racismo, a discriminação Racial, a Xenofobia e Intolerâncias Correlatas, a questão do termo: “afrodescendentes”.

Afrodescendentes contemplava, mais amplamente, a diversidade de identidades e motivações identitárias em regiões diversas e processos nacionais específicos, além de ser um novo “achado”, cuja proeminência prestigiava os propositores. Abria, ainda, uma brecha conceitual para a vinculação África/diáspora (...). Adiante, se veria que o conceito amplo de reparações, na verdade, abrigava diferenças de interesses políticos e econômicos estratégicos, entre africanos e africanos-americanos (USA e Canadá) e afro-europeus. Também entre afro-sulamericanos e caribenhos, etc. (SILVA; PEREIRA, 2013, pg. 108)

Ou seja, o termo não abarcava todas as diásporas ocorridas durante o processo de colonização da América entre os séculos XV ao XIX.

A autora Joselina lembra também da necessidade de conhecer quem são @s representantes que participam das conferencias mundiais acerca de debates para mudanças ou perspectivas para um determinado movimento social, sejam eles ecológicos, de trabalhadores, de mulheres, de entidades negras, entre outros. Pois, as políticas públicas se originam muitas vezes destas conferencias ou por das mobilizações na sociedade. Neste trabalho não atentaremos para esta questão, embora tenhamos consciência da sua importância nos estudos dos movimentos no Brasil e no mundo.

Podemos perceber que em relação às Entidades Negras, historicamente e politicamente as lutas formadas:

a partir da década de 1970, e na década de 1980 vão adquirindo um perfil de espaços de contestação declarada e ostensiva ao mito da democracia racial. Ao mesmo tempo, geraram um amálgama de pensamentos e posturas políticas e ideológicas – que pode ser categorizado como **Consciência Negra** -, que questionava a hegemonia dos valores históricos, simbólicos, estéticos, manifestos em ideias com “Zumbi era um negro fujão”, “os negros deveriam ter ‘alma branca’”, “a cultura negra era folclore” etc., e que rejeitava os modelos de integração racial pela via do individualismo e da

exclusiva autossuperação: “o negro tem que ser o melhor” etc. Essa nova postura política e ideológica – e já foram realçadas as condições em que se dava a emergência de um “novo negro”. (Idem, pg. 120 - 121).

Definir quem é claro e quem é escuro, ou seja, classificar pela aparência de cor é um método muito utilizado no Brasil, como mostram os pesquisadores Marcelo Paixão e Luiz M. Carvano, em seu artigo: “Censo e Demografia:” a variável cor ou raça nos interior dos sistemas censitários brasileiros. Juntamente com Guimarães e Munanga, este grupo de pesquisadores que adotaram o termo “raça”, utiliza-no como combate ao preconceito e suas consequências.

A atual persistência do termo raça igualmente decorre da perspectiva esposada por movimentos sociais de defesa dos contingentes historicamente discriminados. Desse modo, tal ponto de vista entende que o resgate do termo raça, aqui visto em sua estrita variante social e cultural, corresponde a um modo de constituição de padrões de solidariedade entre os afetados pelo problema, assim favorecendo sua ação coletiva em defesa da integridade física, legal e/ou territorial; pela adoção de medidas de promoção da qualidade de vida desses contingentes; de resgate positivo da trajetória histórica e cultural de seus ancestrais e; em prol de mudanças de padrões estéticos e simbólicos tradicionalmente atribuídos a essas determinadas características físicas (PAIXÃO; CARVANO, 2008, pg. 31)

Mas o interessante deste trabalho realizado nos censos demográficos brasileiros, é perceber que nem sempre a cor definida numa região corresponde à outra região brasileira, assim como, nem toda pessoa que se considera pardo, necessariamente é afro brasileiro, pode ser descendente de indígena ou árabe. (Ibidem, pg. 48-49) Outro fato instigador relacionado às relações raciais abordados pelos autores é de como as desigualdades raciais nos censos estão sendo denominadas de desigualdades sociais, porque os mais ric@s são branc@s e @s mais pobres são negr@s. (Ibidem, pg. 51)

Ao ler a tese de mestrado de Eliane Cavalleiro me chamou a atenção uma parte do seu texto em relação a sua pesquisa sobre a relação de professoras negras e alun@s negr@s:

Dentro do foco destacado pela pesquisa sobre a socialização da criança negra, julgo importante apontar o fato de ser eu uma pesquisadora negra. Se fosse uma pesquisadora branca, ou ainda, um pesquisador do sexo masculino que estivesse desenvolvendo pesquisa similar, o olhar deles sobre esse tema, por certo, seria um “olhar” diferente do meu. (CAVALLEIRO, 1998, pg. 77)

Neste sentido, se percebe que para a autora o olhar de um pesquisador negro ou de uma pesquisadora negra sobre as questões raciais será diferente de um olhar de um pesquisador branco ou de uma pesquisadora branca por exemplo. Ao longo do curso em vários momentos, este mesmo pensamento também foi colocado em pauta por colegas que afirmavam: que por

mais que um pesquisador de cor branca se envolva com a pesquisa a cerca d@s negr@s, ele ou ela nunca conseguiram sentir o que @s negr@s sentem.

No artigo de Tomaz T. da Silva¹⁰ “A produção da identidade e da diferença”:

a identidade não é uma essência; não é um dado ou um fato - seja da natureza, seja da cultura. A identidade não é fixa, estável, coerente, unificada, permanente. A identidade tampouco é homogênea, definitiva, acabada, idêntica, transcendental. Por outro lado, podemos dizer que a identidade é uma construção, um efeito, um processo de produção, uma relação, um ato performativo. A identidade é instável, contraditória, fragmentada, inconsistente, inacabada. A identidade está ligada a estruturas discursivas e narrativas. A identidade está ligada a sistemas de representação. A identidade tem estreitas conexões com relações de poder. (SILVA, 2000, pg. 8)

Para Silva, a identidade e a diferença são produzidas pelo homem. Mas em seu texto achei muito interessante, o fato que a identidade e a diferença são intrínsecas, sem uma não existe a outra. Ao mesmo tempo dentro dos sistemas de representação, para uma existir, a outra é negada dentro da relação de poder. Ou seja, a relação entre alun@s negr@s e professor@s branc@s, pode através da cor, produzir identidades ou diferenças.

Em geral, consideramos a diferença como um produto derivado da identidade. Nesta perspectiva, a identidade é a referência, é o ponto original relativamente ao qual se define a diferença. Isto reflete a tendência a tomar aquilo que somos como sendo a norma pela qual descrevemos ou avaliamos aquilo que não somos. Por sua vez, na perspectiva que venho tentando desenvolver, identidade e diferença são vistas como mutuamente determinadas. Numa visão mais radical, entretanto, seria possível dizer que, contrariamente à primeira perspectiva, é a diferença que vem em primeiro lugar. Para isso seria preciso considerar a diferença não simplesmente como resultado de um processo, mas como o processo mesmo pelo qual tanto a identidade quanto a diferença (compreendida, aqui, como resultado) são produzidas. (Ibid, pg. 1-2)

O foco da discussão de Silva em seu artigo é como a identidade e a diferença é trabalhada nas escolas com os estudantes. Se @s mesm@s problematizam a produção da identidade e da diferença em seus meios sociais,

a questão da identidade, da diferença e do outro é um problema social ao mesmo tempo que é um problema pedagógico e curricular. É um problema social porque, em um mundo heterogêneo, o encontro com o outro, com o estranho, com o diferente, é inevitável. É um problema pedagógico e curricular não apenas porque as crianças e os jovens, em uma sociedade

¹⁰ Gostaria de esclarecer que não consegui achar um artigo do autor com páginas numeradas. Encontrei uma informação que o texto faz parte do livro: Identidade e diferença. Organizado por Tomaz Tadeu da Silva. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2000 p. 73-102. Só que o texto utilizado por mim, aparece a única informação que o mesmo possui 9 páginas no artigo pdf, desta maneira, irei me orientar por esta informação.

atravessada pela diferença, forçosamente interagem com o outro no próprio espaço da escola, mas também porque a questão do outro e da diferença não pode deixar de ser matéria de preocupação pedagógica e curricular. Mesmo quando explicitamente ignorado e reprimido, a volta do outro, do diferente, é inevitável, explodindo em conflitos, confrontos, hostilidades e até mesmo violência. O reprimido tende a voltar - reforçado e multiplicado. E o problema é que esse "outro", numa sociedade em que a identidade torna-se, cada vez mais, difusa e descentrada, expressa-se por meio de muitas dimensões. O outro é o outro gênero, o outro é a cor diferente, o outro é a outra sexualidade, o outro é a outra raça, o outro é a outra nacionalidade, o outro é o corpo diferente. (Ibid, pg. 8)

Para Stuart Hall em seu livro: *A identidade cultural da pós-modernidade: a identidade em questão*, “este outro ou estas novas identidades”,

está sendo extensamente discutida na teoria social. Em essência, o argumento é o seguinte: as velhas identidades, que por tanto tempo estabilizaram o mundo social, estão em declínio, fazendo surgir novas identidades e fragmentando o indivíduo moderno, até aqui visto como um sujeito unificado. A assim chamada “crise de identidade” é vista como parte de um processo mais amplo de mudança, que está deslocando as estruturas e processos centrais das sociedades modernas e abalando os quadros de referência que davam aos indivíduos uma ancoragem estável no mundo social. (HALL, s/d, pg. 7)

Desta maneira, em meu trabalho busco analisar a representação de alun@s negr@s acerca de seus professor@s branc@s. E quais marcadores que identificam @s alun@s negr@s com seus professor@s branc@s. Considerando que o “outro” é o professor branco ou a professora branca, então, a representação para @s alun@s negr@s em sala de aula, parte do princípio da identidade entre amb@s.

A identidade e a diferença não são, nunca, inocentes. Podemos dizer que onde existe diferenciação - ou seja, identidade e diferença - aí está presente o poder. (...) São outras tantas marcas da presença do poder: incluir/excluir ("estes pertencem, aqueles não"); demarcar fronteiras ("nós" e "eles"); (...). Como vimos, dizer "o que somos" significa também dizer "o que não somos". A identidade e a diferença se traduzem, assim, em declarações sobre quem pertence e sobre quem não pertence, sobre quem está incluído e quem está excluído. Afirmar a identidade significa demarcar fronteiras, significa fazer distinções entre o que fica dentro e o que fica fora. A identidade está sempre ligada a uma forte separação entre "nós" e "eles". Essa demarcação de fronteiras, essa separação e distinção, supõem e, ao mesmo tempo, afirmam e reafirmam relações de poder. (SILVA, 2000, pg. 3)

Sendo assim, se para @s alun@s negr@s a cor for um demarcador de identidade, @s professor@s branc@s serão diferentes e, portanto, estarão fora da demarcação d@s alun@s em sala de aula.

E como esta produção social, é construída, pois:

Dividir o mundo social entre "nós" e "eles" significa classificar. O processo de classificação é central na vida social. Ele pode ser entendido como um ato de significação pelo qual dividimos e ordenamos o mundo social em grupos, em classes. A identidade e a diferença estão estreitamente relacionadas às formas pelas quais a sociedade produz e utiliza classificações. As classificações são sempre feitas a partir do ponto de vista da identidade. Isto é, as classes nas quais o mundo social é dividido não são simples agrupamentos simétricos. Dividir e classificar significa, neste caso, também hierarquizar. Deter o privilégio de classificar significa também deter o privilégio de atribuir diferentes valores aos grupos assim classificados. (Ibid, pg. 3)

Para Stuart Hall, mas especificamente a identidade sociológica trata da relação do sujeito com outras pessoas importantes para o mesmo (o sujeito). Pessoas estas que mediam seus significados e símbolos, pois o sujeito não é autônomo.

A identidade, nessa concepção sociológica, preenche o espaço entre o "interior" e o "exterior" – entre o mundo pessoal e o mundo público. O fato de que projetamos a "nós próprios" nessas identidades culturais, ao mesmo tempo que internalizamos seus significados e valores, tornando-os "parte de nós" contribui para alinhar nossos sentimentos subjetivos com os lugares objetivos que ocupamos no mundo social e cultural. (HALL, s/d, pg. 11-12)

Só que para Hall as sociedades atuais não oferecem mais para o sujeito a permanência social e cultural, anterior ao mundo moderno,

correspondentemente, as identidades, que compunham as paisagens sociais "lá fora" e que asseguravam nossa conformidade subjetiva com as "necessidades" objetivas da cultura, estão entrando em colapso, como resultado de mudanças estruturais e institucionais. O próprio processo de identificação, através do qual nos projetamos em nossas identidades culturais, tornou-se mais provisório, variável e problemático. (...) Formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam (...). É definida historicamente, e não biologicamente. O sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um "eu" coerente. Dentro de nós há identidades contraditórias, empurrando em diferentes direções, de tal modo que nossas identificações estão sendo continuamente deslocadas¹¹. (Ibidem, pg. 12- 13)

Pensando assim, podemos dizer que em nossa sociedade atual, o fato de ser branco, não corresponde que sua representação tenha todas as significações da cultura branca e

¹¹ Ao realizar a disciplina: "Noções de raça, racismo, etnicidade e desigualdade racial", do GDE, em uma das atividades que tratavam sobre o conceito de etnicidade, percebi como o pertencimento de um grupo étnico, não esta relacionado somente a sua descendência, as significações culturais... Pode estar representado até mesmo no fato de você residir ou não, na mesma comunidade, entre outros.

européia, ocorrendo o mesmo, com @ negr@, que sua representação tenha todas as significações da cultura negra e africana:

a identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia. Ao invés disso, à medida em que os sistemas de significação e representação cultural se multiplicam, somos confrontados por uma multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possíveis, com cada uma das quais poderíamos nos identificar – ao menos temporariamente. (Ibidem, pg. 13)

Esta multiplicação de significações, como mostra Hall, também modifica o conceito de etnia, ou seja, não podendo mais prevalecer-se como termo “*para nos referirmos às características culturais, tais como: língua, religião, costumes, tradições, sentimento de lugar, que são compartilhadas por um povo*”. (Ibidem, pg. 62)

Em contrapartida, dentro da ideia de “identidade e diferença”, para Silva, a identidade é aquilo que se é: se sou branco sou diferente de negro¹². (SILVA, 2000, pg. 1) Já o conceito de raça para Stuart Hall não pode ser empregada entre um povo e outro, ainda para o autor, raça não é uma categoria biológica, mas uma categoria discursiva:

isto é, ela é a categoria organizadora daquelas formas de falar, daqueles sistemas de representações e práticas sociais (discursos) que utilizam um conjunto frouxo, frequentemente pouco específico, de diferenças em termos de características físicas - da cor da pele, textura de cabelo, características físicas e corporais, etc. – como marcas simbólicas, a fim de diferenciar socialmente um grupo de outro. (Ibidem, pg. 63)

Em outro artigo acerca da pesquisa de “Stuart Hall e o trabalho das representações” de Heloise Chierentin Santi e de Vilso Junior Chierentin Santi, texto base para o “*conceito de representação, onde o discurso (linguagens) e os valores simbólicos estão intrínsecos na cultura, ao serem partilhados em um determinado modo de vida de um grupo ou período histórico*”. (2008, pg. 2-3) Os autores definem que: “*os indivíduos podem até se apontar por suas características, mas não obtêm significados a não ser quando se identificam com posições estabelecidas pelo discurso*”. (2008, pg. 4)

De um modo geral, podemos dizer que os conceitos de identidade e de representação, que serão trabalhados e com os autores que estamos dialogando em nossa pesquisa, nos concederão uma boa discussão para a problemática em que estamos trabalhando “A representação de alun@s negr@s acerca de professor@s branc@s”, lembrando que embora eu

¹² Entendo este argumento importante para o meu questionamento da representação que @s alun@s negr@s tem a cerca de seus professores branc@s: ou seja, se minha professora é branca, ela não apresenta os significados e símbolos de uma professora negra.

levante questões relacionadas à temática do preconceito e do racismo na minha escrita, este não é o foco do meu trabalho.

3. COMO A REPRESENTAÇÃO E A IDENTIDADE SÃO MANIFESTADAS EM SALA DE AULA.

Começarei pelos textos realizad@s pel@s alun@s em sala de aula, durante uma de minhas aulas com a turma. @s alun@s foram orientados a não se identificarem na folha na qual produziram o texto. O enunciado do texto pedia para que @s alun@s discorressem sobre a cor de pele representada nas relações entre el@s e @s professores que já tiveram; negr@s e branc@s. Desta maneira dos textos selecionados, foram extraídos a parte escrita pel@s alun@s, que abordavam o enunciado em questão. Como já citado anteriormente, este texto foi executado numa turma de sexto ano com a faixa de idade¹³ entre 11 e 15 anos, pois na mesma há alunos e alunas que já repetiram o ano. Como o texto está no anonimato, não tenho como dizer a idade correta de cada autor d@ mesm@.

Percebe-se na escrita d@s alun@s que a questão de preconceito e racismo está presente no interior das escolas e que a mesma origina inúmeros conflitos. Gostaria de lembrar, que trato o racismo associado à cor da pele e não no sentido de raça em meu texto, neste sentido, a cor de pele é um marcador social, “*a categoria predominante em termos de classificação social passou a ser “cor” e não “raça”*”. (GUIMARÃES, 2008, pg. 71). Na fonte abaixo, chama atenção pelo fato d@ alun@ além de se referir a “cor da pele” da professora, aponta também outra interseccionalidade, como ser “legal”, que para @s mesm@s muitas vezes se entendo como sinal de fragilidade da professora em sala de aula, aumentando os fatores de discriminação.

Fonte T1 em seu texto intitulou o mesmo de “Cor da pele”:

Minha professora já sofreu muito bulling, ela era muito morena e os alunos aproveitavam que ela era muito legal e ficavam xingando ela e um dia ela estava falando sobre racismo e um menino chegou na sala com sua mãe e a mãe dele pediu desculpa e ela falou que desculpava e ficou tudo bem.

Nas fontes abaixo, o preconceito é praticado por parte de um aluno branco em relação ao professor negro, manifestada de uma maneira ofensiva até o esgotamento do professor, o que podemos denominar de racismo. A mesma situação também esta presente entre uma professora branca e uma aluna que se denomina de parda. Já na fonte 3, ocorre uma situação de agressão apontada pel@ alun@ de um professor negro sobre um aluno também negro. Mostrando que o preconceito aparece nos relatos d@s alun@s, uma preocupação apontada

¹³ Considero esta diferença de idade um fator negativo em sala de aula, pois estão imbuídas diferenças de ideias e perspectivas, que acabam gerando muitas vezes conflitos entre alun@s e seus pares, assim como entre alun@s e professores.

por Carolina Cantarino quando insere “a problemática da negação de que ocorra o racismo nas escolas entre docentes e estudantes.” (CANTARINO, 2007, pg. 11)

Fonte T2

Quando eu estava na 2ª série¹⁴ um aluno da 6ª xingava um professor que era negro e o aluno era branco, só porque o aluno tinha cor diferente do professor ele xingava de macaco e gurila e o professor se ofendeu com aquilo que o menino falava e o menino foi (...) do colégio e o professor foi embora porque ele se ofendeu e chorou pra caramba.

Fonte T3

Eu nunca tive um professor negro mais já tive diversos colegas de sala negros, mais há muitos racistas neste mundo, as pessoas não se põem no lugar das outras pessoas somos todos carnes morremos e iremos todos pro mesmo lugar. Ontem passou uma reportagem de um aluno sendo espancado por um professor só por ser negro e o professor também era negro.

Fonte T4

Eu tinha um colega o nome dele era (Augusto¹⁵) e todos xingavam ele de preto, e as vezes ele começava chorar, mais ele não falava para ninguém que xingavam ele (...)

Fonte T5

Na minha escola já vi vários professores de outra cor mais (...) nunca vi na minha turma. Mais na minha sala já teve uma pessoa de cor chamado de (Augusto) ele era xingado toda hora pelo (...) de negro aço e de chup chup de coco e também piolho queimado (...)

Fonte T6

Faz uns dois anos que isso aconteceu, eu tinha uns 11 anos de idade, eu estava no 5º ano a minha professora era branca e eu sou parda, teve uma discussão na sala a professora estava fora de sala quando ela chegou ela tinha perguntado o que tinha acontecido então eu falei:

- Professora eu tinha perguntado (...) que era o cheiro ruim na sala, ele disse:
- É tua sua nega fedida. Então a professora deu razão pra ele. E disse:
- Você não tinha que falar nada. Vou ti deixar bem na frente sua nega macaca pra ninguém mais te incomodar, vou te colocar sozinha.

Podemos notar, que para algumas crianças, raça não esta associada somente à cor de pele, ela esta interligada a cultura e ao jeito de ser. O que nos indica que a representação não necessariamente, esteja ligada somente a cor da pele.

¹⁴ O aluno ainda faz menção à série, pois faz aproximadamente três anos que o ensino deixou de ser seriado.

¹⁵ Nome fictício criado pela pesquisadora.

Fonte T7

Eu acho que a raça negra tem uma cultura diferente do que os brancos e acho que os brancos também tem sua cultura. Não acho que tenha uma raça melhor do que a outra, minha antiga professora (Margarida¹⁶) ensinava de um jeito e minha professora (Rosalina) ensina de outra forma, mas as duas têm coisas em comum, os dois jeitos me ensinam eu também acho que a raça negra tem um jeito mais divertido de aprender só que a raça branca tem um modo alegre de fazer-nos aprender.

Fonte T8

Que eu me lembre, eu não sei se eu tive professores negros, mas seria legal, e na verdade eu não acho só porque um professor branco da aula que um professor negro não pode dar. Mas tem muitas pessoas que são racistas, que acham a aula de um professor branco melhor que de um professor negro, mas eu acho as duas aulas boas porque de uma forma ou de outra eu estou aprendendo. Mas às vezes as pessoas tem que parar para pensar que tem várias pessoas querendo um professor para ensinar a ler e escrever e aprender várias coisas e você tem e não dar valor e eu não to falando isso só pra mi mostrar eu estou falando de coração, eu também sou um pouco morena eu mi gosto do jeito que eu sou (...).

Fonte T9

Como @s alun@s estão no anonimato, não posso dizer que a escrita seja de alun@s negro@s ou branc@s. *Para mim não faz diferença professor branco negro porque a cor da pele não significa nada até porque eles vão ensinar a mesma coisa mais a cor da pele não significa o que a pessoa é.*

Fonte T10

Eu nunca tive professor negro, mas se eu tivesse não ia mudar nada porque cor da pele não ia mudar nada porque ele ia ensinar do mesmo jeito que os outros professores iam dar aula pra mim. Cor da pele não define caráter então é isso pra mim, ia ser a mesma coisa, pra mim a cor negra é a melhor cor.

É interesse as fontes abaixo em relação a “representação” de alun@s acerca de seus professor@s ao posicionamento sobre à cultura negra. Entendemos que @s alun@s esperavam que a professora por ser negra abordasse também sobre a cultura negra e sobre as pessoas negras em sala de aula, ou seja, houve a representação da pessoa negra à cultura negra por parte d@s alun@s, especialmente na Fonte T12, onde a aluna se afirma morena. O que mostra, que “os indivíduos podem até se apontar por suas características, mas não obtêm significados a não ser quando se identificam com posições estabelecidas pelo discurso”.

¹⁶ Os nomes das professoras citadas são fictícios e foram criados pela pesquisadora.

(SANTI1; SANTI2, 2008, pg. 4) Estes alun@s sentiram falta do discurso da professora a respeito de sua cultura.

Fonte T11

Eu já tive uma professora negra e além de ser legal ela era muito divertida e ela era bem negra ela tinha o cabelo bem preto com aquela trança bem bonita, ela ensinava mais e ela era professora de artes, ela também não falava nada sobre as outras pessoas iguais a ela, negras.

Fonte T12

Eu não ligo muito pra cor de pele, porque para mim não me importa porque eu sou morena e eu já conheci uma pessoa negra ela se chamava (...) ela era professora de artes e eu gosto de pessoas negras, ela não costumava falar de racismo, ela não falava quase nada sobre pessoas negras.

Em relação aos questionários que foram entregues aos estudantes, segue o modelo em anexo no final do trabalho de pesquisa. Foram elencadas algumas perguntas relacionadas à problemática da pesquisa. Seu objetivo era perceber quais fatores ou marcadores, poderiam ser abordados pelos @s alun@s negr@s, em relação à questão da identidade e posteriormente, acerca da representação de um professor negro ou de uma professora negra, especialmente, nas perguntas correspondentes a questão seis (06) e na questão onze (11) do mesmo. Assim como nos textos produzidos, @s estudantes que participaram do questionário, também foram orientad@s a não assinarem seus nomes na folha de pesquisa e também temos que considerar @s alun@s repetentes nas duas turmas. Desta maneira os alunos e as alunas tinham entre 11 a 15 anos na turma de sexto ano, como há uma turma de sétimo ano, podemos dizer que o número aproximado de respostas está entre 13 e 15 anos.

Chamou muito atenção no questionário às denominações de como @s alun@s se identificavam em relação à cor de pele e, de como eles identificavam @s professores em relação à cor de pele. Podemos citar os exemplos: parda, marrom claro, morena, moreno, marrom forte, moreno mais clarinho. Também percebemos nas fontes a presença do preconceito e do racismo referentes à cor de pele em sala de aula.

Fonte Q1

Denomina-se de cor parda, já teve professores negr@s, estes se afirmavam como negr@s em sala de aula. Na pergunta cinco, a resposta foi: “porque ele é escuro”. Já presenciou racismo na sala de aula. O fato ocorrido foi um aluno da turma que chamou o professor de negro e o mesmo chorou em sala de aula, logo em seguida pediu demissão da escola.

Fonte Q2

Sou branca, já tive preconceito quando criança, mas já não tenho mais. Na creche eu não chegava perto das crianças negras e as chamava de bicho, tive que trocar de creche. Já tive professor negro no ano passado, mais ele não ficou o ano todo, mais depois que ele saiu da escola, eu soube que ele sofreu insulto por alunos racistas. Ele agia naturalmente, sei que o professor era negro pela cor da pele.

Encontramos elementos no questionário que não foram apresentados no texto produzido pel@s alun@s, isso talvez se explique, porque no questionário havia perguntas mais objetivas. Desta maneira, @s alun@s explanaram que seus professor@s negr@s se manifestavam nas situações que envolviam preconceito em sala de aula, além de discorrerem a cerca da cultura negra.

Fonte Q3

Tenho a cor marrom claro, já tive professor negro, ele dizia que não tinha vergonha da sua cor, ele falava muito sobre o racismo, já presenciei alguma forma de racismo durante a aula: “foi em discussão porque ele é negro”; “ele não deixou continuar o racismo e deu um sermão sobre a temática”.

Fonte Q4

Já tive, ano passado... Os professores negr@s se afirmam em sala de aula como negros?: - Sim tanto que quando a gente falava de cor e a gente falava que ela era morena ela já “falava” não sou negra.

Fonte Q5

Sou moreno, já tive um professor negro, a cor dele era marrom forte.

Fonte Q6

Sou moreno, já tive um professor negro. “Como você sabe que o professor é negro ou a professora é negra?”: - Porque ele era negro e falava sobre sua religião. “O professor negro ou a professora negra agem diferentes dos demais professores? Por quê?”: - Sim porque o professor negro falava sobre sua religião e o professor branco só passa matéria.

Na fonte acima, para este aluno, o conteúdo trabalhado em sala de aula, está mais próximo dos elementos experienciais do seu dia a dia, como a “religião” do que em relação aos outros conhecimentos trabalhados em sala de aula, o que para ele são percebidos como somente “matéria”. Além da “cor de pele” que pode ser um marcador de identidade entre aluno e professor, temos outro símbolo, a “religião” provavelmente a de “Matriz Africana” do aluno. Onde “a identidade está ligada a sistemas de representação”. (SILVA, 2000, pg. 8)

Já nas duas fontes abaixo, um dos alunos diz que não há diferença da aula do professor negro ou da professora negra para as aulas dos demais professores, mas ao mesmo tempo, ele diferencia estes de “um professor normal”. Mas afinal: o que seria um professor normal ou uma professora normal? O outro aluno, diz que a professor negro ou a professora negra não agem diferentes dos demais professores, porque eles também estudaram como @s professores. Novamente, podemos levantar uma interrogativa sobre “estudado como @s professor@s. O que este aluno entende com a afirmação feita por ele?

Fonte Q7

Qual a sua cor?: – moreno mais clarinho. Para você tem alguma diferença da aula do professor negro ou da professora negra para as aulas dos demais professores?: – Não porque os professores tem que trabalhar do mesmo jeito que um professor normal.

Fonte Q8

Sou negro, já tive professores negr@s. Já sofri racismo: um menino na sala de aula foi e me chamou de macaco, a professora reagiu brigando com ele. Para você o professor negro ou a professora negra agem diferentes dos demais professores? Por quê? – Não, porque mesmo ela sendo negra não tem diferença ela também tinha estudado como as(os) professoras (es).

Fonte Q9

Sou branco, já tive uma professora negra mais não me importo dela ser preta. Já presenciei uma forma de racismo em sala de aula, um colega chamou o outro colega negro de africano da Jamaica, o professor branco o mandou ir para a direção e só voltava com os pais. O professor negro ou a professora negra agem diferentes dos demais professores? Por quê?: - Não, porque como qualquer professor ele só dava a aula dele e saía.

Fonte Q10

Sou moreno, tive um professor negro e uma professora negra. Eu nunca sofri racismo, mais o meu amigo já. Eles ficam o chamando de Cirilo pela cor dele. @s professores não escutam eles falar.

Embora acima percebêssemos que @s professores realizam intervenções quando ocorrem práticas discriminatórias, houve relatos que seguem abaixo, de professor@s blanc@s que não se impuseram a estas práticas em sala de aula. Ao contrário d@s demais professor@s negr@s que, quase tod@s se manifestam sobre o racismo em sala de aula..

Fonte Q11

Sou branca, já tive professores negr@s, não tem nenhuma diferença da aula do professor negro ou da professora negra para as aulas dos demais professores. Já presenciei racismo e foi muito ruim e frustrante. O professor

era branco e não fez nada. – O professor negro ou a professora negra agem diferentes dos demais professores? Por quê? – Sim, porque quase todos os professores negr@s não gostam de racismo.

Fonte Q12

Já presenciei racismo em sala de aula: - chamando os outros de preto. O professor tirou da sala e só. O professor era branco. Os professores negros e as professoras negras não agem diferentes dos demais professores, porque são professores.

Assim, como na produção textual, aparece o fator relacionado à ação d@ professor@s, e não relacionados a “cor de pele” nos relatos d@s estudantes. Mostram que para eles ou elas, não há como tod@s as pessoas serem iguais, e ao mesmo tempo; tod@s @s professores são iguais.

Fonte Q13

Sou branco. Já tive um professor negro e certamente age diferente dos demais professores, porque ninguém é igual, e não é a cor ou raça que define a atitude de uma pessoa.

Fonte Q14

Sou moreno. Já tive um professor negro e já presenciei racismo em sala de aula. Um aluno de fora chamou o professor de Black, o professor era moreno escuro e levou o aluno para a direção. Os professores negros e a professoras negras não agem diferentes dos demais professores, porque são iguais e fazem a mesma coisa.

E por último apresento as duas das entrevistas realizadas na escola, como já descrito acima, as outras duas entrevistas realizadas não poderão ser utilizadas pela pesquisadora. Entretanto, as entrevistas realizadas mesmo que sendo breves¹⁷, trazem elementos de análise importantes, pois ambas trataram acerca da representação que tem de seus professor@s branc@s em sala de aula. As duas entrevistas foram realizadas na escola no turno em que as alunas estudam.

Entrevistada 1: a aluna tem 13 anos, cor negra, estuda no sexto ano.

Teve um professor negro no ano de 2015, ele se afirmava como negro, a aluna deixa em aberto, (mas menciona que os alunos cometiam racismo contra o professor). Para a aluna tanto @s professores negr@s como @s

¹⁷ Não posso aqui responsabilizar as entrevistadas, pois a própria pesquisadora não possui experiência com este tipo de procedimento de pesquisa. Mesmo sabendo da importância deste método como fonte de análise, faltou mais direcionamento para as questões importantes à problemática, o que foi observado somente depois de escutar as gravações. E como foi relatado na introdução, não houve possibilidade de realizar uma nova entrevista com as duas alunas novamente.

professores não negr@s tratam o racismo em sala de aula, chamando a atenção d@s alun@s e brigando com @s mesm@s. A aluna não se identifica com os professores devido à cor da pele, mas pela pessoa, não sente diferença entre amb@s.

Entrevistada 2: a aluna tem 13 anos, cor (ficou em dúvida em relação a “cor de pele”) negra, estuda no sétimo ano.

Teve um professor negro no ano de 2015, (Eduard¹⁸) de inglês, a aluna o denominava como negro pela cor da pele. O professor se afirmava negro somente quando acontecia algum problema relacionado ao racismo dentro da sala de aula, que ele dava um sermão “pedindo para que não ocorresse o racismo por que ele também era negro”, e que não praticava nenhum racismo contra os outros.

A aluna afirma que esta (crítica ao racismo) é uma postura de tod@s @s professores da escola, que chamam a atenção para a questão.

A aluna se identifica mais com @s professores negr@s, porque ela é negra. Para ela a identificação ocorre melhor quando @s professores são negr@, mas isso não quer dizer que ela tenha dificuldade de identificação com @s professores branc@s, até porque a mãe também é branca. Mas para a aluna a identificação ocorre mais com @s pessoas negr@s.

Observa-se nas entrevistas que a “cor de pele” aparece como um marco de identidade na relação entre uma das alunas negras, no entanto para a outra aluna negra a “cor de pele” não é um marco de identidade, mas que ocorrem outras significações de representação na relação entre ela e seus professor@s branc@s, como por exemplo: a personalidade d@ professor@.

¹⁸ Nome fictício criado pela própria pesquisadora.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa não se encerra aqui, podendo ser ampliada futuramente. Primeiro pela importância da temática e, segundo que não houve tempo de pesquisa o suficiente para problematizar, se “a representação de alun@s negr@s acerca de professor@s branc@s” em suas relações no cotidiano escolar, está caracterizado diretamente pela “cor de pele”. Se esta representação decorre nas escolas da Rede de Educação de Santa Catarina ou somente factual (por exemplo, esta representação se manifesta mais expressivamente em comunidades politicamente engajadas nos movimentos negr@s).

Temos que ressaltar ainda, que a pesquisa foi realizada em somente uma escola e com poucas turmas. Consideramos que a identidade é inerente a um sistema de representações, sendo assim, a “cor de pele” se manifesta nas relações entre alun@s e professor@s como marco de identidade, através da religião, da cultura negra ou da luta contra o preconceito e racismo, por exemplo. Que são elencados pel@s alun@s negr@s nas fontes, como características d@s professor@s negr@s cidad@s pel@s mesm@s, e não d@s professor@s branc@s.

Embora tod@s @s alun@s que se identificaram como negr@s afirmem que os professores negros e as professoras negras não agem diferentes dos professores brancos e das professoras brancas; podemos pensar que assim como a autora Eliane Cavalleiro, indague que exista um olhar diferente do pesquisador negr@; do pesquisador branc@ sobre as questões raciais. Pergunto-me se estes alun@s negr@s não teriam dado outras respostas às mesmas fontes para uma pesquisadora negra, ao entenderem que esta pesquisadora também teria outro olhar sobre a mesma problemática pesquisada neste trabalho.

Percebe-se pelos relatos d@s alun@s, a presença de práticas discriminatórias de alun@s para com seus pares, e de, alun@s contra professor@s ou vice versa dentro da escola. E como apontado por uma aluna (Fonte Q11), @s professor@s negr@s agem mais em relação às ações discriminatórias do que @s professor@s branc@s. Mostrando que o preconceito e o racismo ainda são um problema gerador de diversas formas de violências e desigualdades em nossa sociedade e nos cotidianos escolares. E que pede um olhar mais atento d@s professor@s branc@s; assim como entendemos que a própria ação contra a discriminação é necessária e de suma importância.

Neste sentido, observamos através do questionário, das entrevistas e da produção textual, que muitas das situações referentes à prática de preconceito ou de diferenças entre alun@s negr@s e professor@s branc@s em sala de aula, ainda se apresentam inversamente

neste ambiente. Onde existe também a demarcação pela “cor de pele” entre alun@s branc@s e professor@s negr@s. Como o caso de um dos professores negros que sofreu discriminação por parte de alunos brancos. Mesmo se colocando politicamente em prol da identidade negra, este professor negro não conseguiu lidar com a discriminação destes alunos brancos em sala de aula.

Já em outro momento, quando a professora negra não menciona a trajetória histórica negra ou a cultura dos ancestrais negros, ela passa a ser analisada subjetivamente por seus alun@s (pois acredito, que @s alun@s, não tenham questionado a professora) pelo fato de ter a “cor de pele negra” e não abordar tais questões em sala de aula. O que para Stuart Hall, esta ligada a identidade cultural da pós-modernidade; onde, como me identifico, nem sempre, esta relacionada à maneira de como sou representada; ser negra, no caso da professora. Mas, a aluna que se diz morena, de certa forma, esperava que a professora negra afirmasse a sua identidade negra em sala de aula.

Quanto à problemática da representação de alun@s negr@s acerca de seus professor@s branc@s em sala de aula, ainda necessita de mais pesquisas como já citado anteriormente. Grande parte das respostas estava relacionada ao comportamento, a formação, a personalidade do professor ou da professora, do que necessariamente a “cor da pele” para @s alun@s negr@s. Embora, a identidade aparece em alguns relatos como mediadora entre o mundo pessoal e o mundo público d@s estudantes, sabemos que a identidade atualmente não é mais estável. Baseada somente pela “cor de pele” como foi apontado no início de nosso trabalho, mas que a identidade passou a ser construída por novas estruturas discursivas e narrativas.

5. FONTES

ENTREVISTA 1. Depoimento, setembro de 2016, Palhoça. Entrevistadora: Isonete Vilvert Weber. Acervo da autora.

ENTREVISTA 2. Depoimento, setembro de 2016, Palhoça. Entrevistadora: Isonete Vilvert Weber. Acervo da autora.

QUESTIONÁRIO 1. Questionário, setembro de 2016, Palhoça. Aplicadora: Isonete Vilvert Weber. Acervo da autora.

QUESTIONÁRIO 2. Questionário, setembro de 2016, Palhoça. Aplicadora: Isonete Vilvert Weber. Acervo da autora.

QUESTIONÁRIO 3. Questionário, setembro de 2016, Palhoça. Aplicadora: Isonete Vilvert Weber. Acervo da autora.

QUESTIONÁRIO 4. Questionário, setembro de 2016, Palhoça. Aplicadora: Isonete Vilvert Weber. Acervo da autora.

QUESTIONÁRIO 5. Questionário, setembro de 2016, Palhoça. Aplicadora: Isonete Vilvert Weber. Acervo da autora.

QUESTIONÁRIO 6. Questionário, setembro de 2016, Palhoça. Aplicadora: Isonete Vilvert Weber. Acervo da autora.

QUESTIONÁRIO 7. Questionário, setembro de 2016, Palhoça. Aplicadora: Isonete Vilvert Weber. Acervo da autora.

QUESTIONÁRIO 8. Questionário, setembro de 2016, Palhoça. Aplicadora: Isonete Vilvert Weber. Acervo da autora.

QUESTIONÁRIO 9. Questionário, setembro de 2016, Palhoça. Aplicadora: Isonete Vilvert Weber. Acervo da autora.

QUESTIONÁRIO 10. Questionário, setembro de 2016, Palhoça. Aplicadora: Isonete Vilvert Weber. Acervo da autora.

QUESTIONÁRIO 11. Questionário, setembro de 2016, Palhoça. Aplicadora: Isonete Vilvert Weber. Acervo da autora.

QUESTIONÁRIO 12. Questionário, setembro de 2016, Palhoça. Aplicadora: Isonete Vilvert Weber. Acervo da autora.

QUESTIONÁRIO 13. Questionário, setembro de 2016, Palhoça. Aplicadora: Isonete Vilvert Weber. Acervo da autora.

QUESTIONÁRIO 14. Questionário, setembro de 2016, Palhoça. Aplicadora: Isonete Vilvert Weber. Acervo da autora.

TEXTO 1. Produção textual, setembro de 2016, Palhoça. Aplicadora: Isonete Vilvert Weber. Acervo da autora.

TEXTO 2. Produção textual, setembro de 2016, Palhoça. Aplicadora: Isonete Vilvert Weber. Acervo da autora.

TEXTO 3. Produção textual, setembro de 2016, Palhoça. Aplicadora: Isonete Vilvert Weber. Acervo da autora.

TEXTO 4. Produção textual, setembro de 2016, Palhoça. Aplicadora: Isonete Vilvert Weber. Acervo da autora.

TEXTO 5. Produção textual, setembro de 2016, Palhoça. Aplicadora: Isonete Vilvert Weber. Acervo da autora.

TEXTO 6. Produção textual, setembro de 2016, Palhoça. Aplicadora: Isonete Vilvert Weber. Acervo da autora.

TEXTO 7. Produção textual, setembro de 2016, Palhoça. Aplicadora: Isonete Vilvert Weber. Acervo da autora.

TEXTO 8. Produção textual, setembro de 2016, Palhoça. Aplicadora: Isonete Vilvert Weber. Acervo da autora.

TEXTO 9. Produção textual, setembro de 2016, Palhoça. Aplicadora: Isonete Vilvert Weber. Acervo da autora.

TEXTO 10. Produção textual, setembro de 2016, Palhoça. Aplicadora: Isonete Vilvert Weber. Acervo da autora.

TEXTO 11. Produção textual, setembro de 2016, Palhoça. Aplicadora: Isonete Vilvert Weber.
Acervo da autora.

TEXTO 12. Produção textual, setembro de 2016, Palhoça. Aplicadora: Isonete Vilvert Weber.
Acervo da autora.

6. REFERÊNCIAS

BARBOSA, Maria Ligia de Oliveira; RANDALL, Laura. Desigualdades sociais e a formação de expectativas familiares e de professores. *Caderno CRH*, Salvador, v. 17, n. 41, p. 299-308, Mai./Ago. 2004. Disponível em: <http://www.cadernocrh.ufba.br/viewarticle.php?id=22>
Acesso em: 06/08/16.

CANTARINO, Carolina. Racismo influencia desempenho escolar. *Ciencia e Cultura*. vol. 59, n. 2, São Paulo, Abril/Jun 2007. Disponível em: http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?pid=S0009-67252007000200005&script=sci_arttext.
Acesso em 21/06/16

CAVALLEIRO, Eliane dos Santos. **Do silêncio do lar ao silêncio escolar: racismo, preconceito e discriminação na educação infantil**. Disponível em: <file:///C:/Users/Intelbras.Intelbras-PC/Downloads/TESE.pdf>. Acesso em 08/11/2016.

_____. **Racismo e anti-racismo na educação: repensando nossa escola**. 5ª ed.. São Paulo: Selo Negro, 2001.

FELICETTI, Vera Lucia; MOROSINI, Marília Costa. **Do compromisso ao comprometimento: o estudante e a aprendizagem**. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/er/nspe2/02.pdf>. Acesso em 09/01/2017.

FIGUEIREDO, Angela. Carta de uma ex-mulata à Judith Butler. In: GARCIA, Olga Regina Zigelli; GROSSI, Miriam Pillar; MAGRINI, Pedro Rosas. **Especialização EaD em Gênero e Diversidade na Escola. Livro IV – Módulo IV**. Tubarão, Copiart, 2015.

GARCIA, Olga Regina Zigelli; GROSSI, Miriam Pillar; MAGRINI, Pedro Rosas. **Especialização EaD em Gênero e Diversidade na Escola. Livro IV – Módulo IV**. Tubarão, Copiart, 2015.

GUIMARÃES, Antonio Sérgio Alfredo. **Como trabalhar com “raça” em sociologia**. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ep/v29n1/a08v29n1.pdf>. Acesso em 21/06/16

_____. Raça, cor e outros conceitos analíticos. In: SANSONE, Livio; PINHO, Osmundo Araújo (Orgs). **Raça: novas perspectivas antropológicas**. 2ª edição revisada. Salvador: Associação Brasileira de Antropologia – EDUFBA, 2008.

_____. **Racismo e Antirracismo no Brasil**. São Paulo: Editora 34, 1999.

HALL, Stuart. **A identidade cultural da pós-modernidade**. Disponível em: http://faa.edu.br/portal/PDF/livros_eletronicos/psicologia/a_Identidade_Cultural_Da_Pos_Modernidade.pdf. Acesso em 21/06/16

HASENBALG, Carlos. Entre o mito e os fatos: racismo e relações raciais no Brasil. In: MAIO, Marco Chor; SANTOS, Ricardo Ventura (org.). **Raça, ciência e sociedade**. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz/CCBB, 1996.

MAGGIE, Yvonne. “Aqueles a quem foi negada a cor do dia”: as categorias cor e raça na cultura brasileira. In: MAIO, Marco Chor; SANTOS, Ricardo Ventura (org.). **Raça, ciência e sociedade**. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz/CCBB, 1996.

MUNANGA, Kabengele. A difícil tarefa de definir quem é negro no Brasil. **Entrevista concedida a Revista Estudos Avançados**, 18 (50), 2004.

MUNANGA, KABENGELE. **Superando o Racismo na Escola**. Disponível em: http://www.apeoesp.org.br/sistema/ck/files/9_Munanga_K_org_Superando%20o%20racismo%20na%20escola.pdf. Acesso em 21/06/16

ORNELLAS, Maria de LourdesS.. **A representação social da transferência do professor e do aluno na sala de aula**. Disponível em: <http://static.scielo.org/scielobooks/f5jk5/pdf/nascimento-9788523209186.pdf>. Acesso em 21/06/16

PAIXÃO, Marcelo; CARVANO, Luiz M.. Censo e demografia: a variável cor ou raça nos interior dos sistemas censitários brasileiros. In: SANSONE, Livio; PINHO, Osmundo Araújo. (Organizadores). **Raça: novas perspectivas antropológicas**. 2ª ed. rev. Salvador: Associação Brasileira de Antropologia: EDUFBA, 2008.

SANTI, Heloise Chierentin; SANTI, Vilso Junior Chierentin. **Stuart Hall e o trabalho das representações**. Disponível em: http://www.usp.br/anagrama/Santi_Stuarthall.pdf. Acesso em 21/06/16

SECRETÁRIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO – SED. Portal da Educação Institucional. Disponível em: <http://serieweb.sed.sc.gov.br/areluedemonstrativoens.aspx?VtHXYXDMQDWekH7sUSVPCfEPI+odB2aBNk7Mq2QjmXBO+1o/geN54sXrrgC3u8Ht> Acesso em 02/10/2016.

SHWARCZ, Lilia Moritz. **O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil 1870-1930**. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

SILVA, Joselina da; PEREIRA, Amauri Mendes. **Olhares sobre a mobilização brasileira para a III Conferencia Mundial contra o Racismo, a discriminação Racial, a Xenofobia e Intolerâncias Correlatas**. Brasília, DF: Fundação Cultural Palmares-MinC; Belo Horizonte: Nandyala, 2013.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **A produção da identidade e da diferença**. Disponível em: <http://www.diversidadeducainfantil.org.br/PDF/A%20produ%C3%A7%C3%A3o%20social%20da%20identidade%20e%20da%20diferen%C3%A7a%20-%20Tomaz%20Tadeu%20da%20Silva.pdf>. Acesso em 21/06/16

7. ANEXOS

Questionário de Pesquisa

1) Qual a sua cor?

2) Como você se identifica?

3) Você têm professor negro ou professora negra?

4) O professor negro ou a professora negra se afirmam em sala de aula como negros?

5) Como você sabe que o professor é negro ou a professora é negra?

6) Para você tem alguma diferença da aula do professor negro ou da professora negra para as aulas dos demais professores?

7) Você já sofreu ou já viu alguma forma de racismo em sala de aula?

8) Se sim, como foi?

9) Como o professor ou a professora reagiu?

10) Qual era a cor do professor ou da professora?

11) O professor negro ou a professora negra agem diferentes dos demais professores? Por quê?

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS INSTITUTO DE ESTUDOS DE
GÊNERO CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM GÊNERO E DIVERSIDADE NA ESCOLA

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Eu _____
RG _____ residente _____

_____ abaixo assinada/o, fui informada/o e convidado/a a participar da pesquisa: “A representação de alun@s negr@s a cerca de professores negr@s e não negr@s na rede de Educação de Santa Catarina”, realizada pelo/a aluno/a do Curso de Especialização em Gênero e Diversidade na Escola Isonete Vilvert Weber cujo objetivo é: Analisar as relações d@s alun@s negros com seus professores/as negr@s e não negr@s em uma das escolas da Grande Florianópolis. Foi-me garantido que tudo que eu responder será confidencial e que meu nome será mantido em sigilo. Fui informado/a que não estarei correndo risco decorrente de estar participando da referida pesquisa. Também fui informado/a que tenho o direito de não responder a qualquer pergunta que não deseje e que em qualquer momento, posso desistir de participar da pesquisa, sem que isto me traga qualquer tipo de prejuízo. Para qualquer esclarecimento, poderei entrar em contato com o prof. orientador Dr. Amurabi Pereira de Oliveira ou com a pesquisadora Isonete Vilvert Weber.

Palhoça, 28 de setembro de 2016.

Assinatura da participante ou impressão

digital: _____

Assinatura do/a pesquisador/a:

Assinatura do representante legal (caso seja menor de idade):
